

cartas
de quem vai
cartas
de quem fica
ana paula bellot

Editora Penalux
Guaratinguetá, 2023

I

Lembro-me perfeitamente de um dos dias mais quentes do ano de 1894. Estava sentada, bem em frente a uma árvore, um limoeiro para ser exata, daqueles bem pomposos e com cheiro forte que gruda nos cabelos. Naquela ocasião, os meus ainda eram pretos com grandes cachos nas pontas, compridos e mal penteados. O suor na testa fazia com que alguns fios rebeldes grudassem a cada jato de vento que agitava as folhas no alto da colina. Eu estava usando um vestido amarelo, com alguns remendos na barra da saia e nos seios, resultado do meu crescimento no último verão. Não tinha o costume de usar sapatos, somente para ir à igreja ou para a casa de meu noivo, fato que sempre acaba me dando sensação de liberdade e também alguns calos nos pés.

O tempo seco daquele dia fez surgir diversas formigas vermelhas, graúdas, que carregavam pedaços miúdos das folhas do limoeiro. Eu amava assistir a esse espetáculo, achava fantástico todo caminho que cada uma delas tinha que trilhar, de

sua casa dentro do chão até o alto. Gostava de perturbá-las, ora colocando minhas mãos, ora colocando meus pés, observando todas se organizarem outra vez. Era engraçado pensar que eu, nessa época, gostaria que a vida fosse como as das formigas, que, vendo um problema logo se resolviam, não dependiam de ninguém. Nos meus recém completados dezesseis anos, eu tentava decifrar o que a vida poderia me reservar.

Nasci na pequena comuna de Trecchina, em Basilicata, local lotado de colinas irregulares, pés de limão, construções de pedras enormes e antigas. Dependendo de quão alto você estivesse, conseguia até ver a pontinha do mar de Maratea se ligando com o céu azul. Em outros passeios, era possível descer as ruas íngremes até a praça principal da cidade e ir à Igreja St. Michele Arcangelo, lugar onde eu e minhas irmãs fomos batizadas e onde eu me casaria em breve. Meus dias eram bem parecidos com o de todos que ali viviam: preenchidos por trabalho, afazeres de casa e depois, o sono. A comuna estava passando por períodos de vai e vem constante e saber dos acontecimentos locais por boca a boca era nosso jornal naqueles tempos.

Por isso, eu adorava olhar de cima e ver toda aquela gente pequenininha como as formigas, mas sem a mesma esperteza. Tinha a sensação de que se eu conseguisse pôr meu pé no meio da cidade, todo mundo iria correr, assustado. Essa visão me divertia.

No meio dos meus pensamentos e da sensação de calor daquela tarde, eu também estava observando as cabras. Eu não estava ali no morro só a passeio: pastoreava os animais

de meu pai. Toda minha família era composta por pastores de cabras. Cuidávamos de seu leite, seus filhotes, sua alimentação. Quando era necessário, vendíamos algumas e, na pior das hipóteses, sacrificávamos as que não estavam bem. Eram dias ruins, esses. Lembro que meu pai, de nome e sobrenome Pietro Castellani, sempre me fez assistir para lembrar de estarmos todos juntos, em momentos felizes ou tristes.

A voz forte de minha mãe logo surgiu em meu devaneio particular. Ela estava irritada e me fez descer correndo, tive que usar a varinha para fazer os animais irem mais rápido. A minha mãe chamava-se Constanza. Era uma mulher corpulenta, baixa, de cabelos escuros que sempre estavam presos. Ela vivia para cuidar de nossa casa e, duas vezes na semana, quando ia lavar nossos lençóis, me pedia para fazer o almoço e cuidar das minhas irmãs. Era muito engraçado: Nunzia, Maria e Giordana cada uma com seis, sete e oito anos e eu, Edna, quase casada. Éramos distantes em idades, vida e nome. Achava engraçado meu nome, incomum para uma italiana, mas minha mãe contava que antes de mim, havia perdido um filho ainda no ventre que demorou muito a sair. Todos a diziam que nunca mais seria capaz de dar a luz, até que uma estrangeira (ela nunca se lembrava de onde) que estava de passagem pela comuna chamada Edna, conhecedora de plantas e outras receitas, a ajudou. Acabou fazendo uma promessa de que o próximo filho, se fosse menina, teria o nome da mulher e, bom, eis-me aqui.

Já escrevi duas vezes a respeito do meu futuro marido e ainda não contei nada sobre ele. Vamos lá: nossa casa era

próxima de um pequeno vinhedo, mais ou menos a uns dez minutos de nosso portão. Eram os vizinhos Esposito, sempre muito simpáticos conosco. O senhor Esposito era amicíssimo do meu pai e nós sempre íamos a casa dele, os adultos para conversarem e eu, para brincar. Ele tinha dois filhos e o mais novo, Americo, era o que sempre passava tempo comigo. Nessa época eu era filha única e Americo se tornava uma companhia agradável. Quando fiz quinze anos e ele, dezessete, pediu ao meu pai a minha mão em casamento. Meu pai me chamou, me fez ficar frente a frente com Americo e pediu minha resposta. Meu pai sempre quis um filho homem e, na falta de um, deixou com que eu ficasse a rédeas soltas, dando opinião sobre tudo e todos e participando de conversas mais sérias. Naquele dia, a resposta que eu daria, boa ou ruim, seria a definitiva. Olhei bem para Americo. Era magro, alto para sua idade, um bigode sutil e sapatos maiores que seus pés. Tinha uma pinta pequena na bochecha e lábios finos demais para meu gosto. Apesar disso, o achava bonito à sua maneira. Achava mais incrível ainda o fato dele ter se apaixonado por mim e logo aceitei o pedido. Morria de curiosidade em vê-lo mais despojado, sempre teve um tom sério comigo.

No entanto, a mãe de Americo no final daquele mês, ficou muito doente e o fez prometer que só se casaria quando completasse dezoito anos, temendo perder o filho caçula para a nora. Todos aceitamos a proposta. Eu nunca tive pressa em me casar, tinha medo de engordar como mamãe e começar a gritar sem parar com Americo e nossos futuros filhos pela casa. Eu imaginava que seria igual ao tratamento que tinha

com minhas irmãs, que gritavam, me batiam e me faziam receber broncas por horas a fio.

Mas naquele dia quente como uma caldeira, cozinhei para elas um leitão bastante recheado com tomates e ervas frescas. Tudo era praticamente do nosso quintal ou o mais próximo dali. Minha mãe chegou para comer e em seguida, meu pai. Ele estava quieto e não conversou com a gente durante todo o almoço. Não me lembro o motivo exato que o fez ficar triste nesse dia, mas naqueles tempos, muitos estavam deixando a comuna para outras partes do mundo, principalmente para o Brasil. Eu sabia que Guido, meu cunhado e irmão mais velho de Americo, tinha feito isso. Eu e Nina, minha amiga e outra vizinha um pouco mais distante, sempre comentávamos que ele deixou a esposa e um filho para tentar a vida longe, falando que iria prosperar e depois buscaria os dois para levar com ele. Dizia que ia para uma região chamada Minas Gerais e que vários estavam voltando ricos de lá. Nina achava a história uma maravilha, morria de vontade de viajar. Eu, que sempre cresci influenciada pelo meu pai, achava que todo homem tinha que estar com a sua família na terra onde nasceu. Se não fosse capaz disso, não deveria casar, meu pai dizia e eu, repetia. A pobre esposa de Guido voltou para a casa dos pais com o seu bebezinho de colo, uma vergonha na época. Pouco tempo depois, soubemos que o filhinho de Guido tinha contraído crupe e morreu antes de completar sete meses.

No final da tarde desse dia, enquanto fumava na varanda, meu pai mandou Maria me chamar. Fui até ele que, sem

sequer olhar para mim, mandou escolher o melhor vestido que eu tinha, pois iríamos fazer uma visita aos Esposito. Corri para meu quarto e comecei a me arrumar. Lembro que fiquei feliz pois não via Americo há algumas semanas. Às vezes, me pegava pensando se Americo tinha vontade de sair de Trecchina, aumentar seus negócios em outro lugar e se me levaria com ele. Nesse dia, lembro-me de firmar uma promessa diante do espelho: jamais seria abandonada, nem por ele e nem por ninguém. Eu, tão nova, acreditava que tinha poder sobre a vida.

A casa de Americo era muito semelhante a minha. Três quartos, uma cozinha grande e espaçosa, varanda com vários banquinhos de madeira. Sempre depois da janta, deixavam nós dois ficarmos a sós enquanto nos olhavam da sala. Eram bons momentos, podíamos conversar sem ser ouvidos mas Americo morria de vergonha. Era muito falante quando estávamos todos reunidos mas, apenas comigo, reduzia suas palavras a concordâncias e assuntos redundantes. Em uma ou duas ocasiões, saímos escondidos pelas colinas e trocamos beijos rápidos pois tínhamos, na mesma medida curiosidade e medo de que alguém nos pegasse. Em sua casa, sempre ficava sentado de cabeça baixa no banco de madeira. Começou um assunto comigo, não me lembro bem das exatas palavras, não só desse diálogo mas de todas as outras que surgirão ao longo deste relato. Nossa conversa foi algo como isso:

— Meu pai não contou no jantar, mas amanhã de manhã um amigo dele está vindo para cá.

— Um recém chegado aqui? Mas por quê?

Me lembro de seus ombros encolhidos e de sua voz baixa, dizendo:

— Parece que a esposa morreu e ele não quer ficar mais na mesma casa. É um médico e não temos nenhum por aqui.

Era mesmo verdade. O médico local havia morrido fazia alguns meses e quem cuidava da saúde da região era o Padre Antonio e, em sua ausência, a mãe de minha amiga Nina, Maria, que era a parteira da região. Apesar do cenário, as piores doenças acometiam os pequenos, era difícil ver alguém da minha idade ou da idade de Americo ficar muito mal. De qualquer forma, lembro que fiquei mais chocada com a chegada de alguém em Trecchina do que com a profissão do amigo de meu sogro. Insisti em perguntar mais para Americo:

— E ele vai ficar morando em qual lugar?

— Aqui em casa, Edna. Está vindo com o filho, não tem muitas economias ainda.

Então, vinham duas pessoas para nossa comuna, que maravilha. Não deu tempo de saber mais, meu pai logo me chamou para irmos embora. Me despedi de todos e fomos andando, eu, ele, mamãe e minhas irmãs para casa.

Lembro que mal dormi, minha mente vagava pensando na história que Americo havia contado. Era engraçado pensar que em um momento onde todos estavam indo embora, indo para além do mar, uma pessoa estava chegando para ficar. Mais do que isso, achava interessante ter duas pessoas das quais eu não poderia contar nenhuma história sobre. O que sabia delas? Não se encaixavam nas minhas fantasias sobre Trecchina, Potenza ou até mesmo sobre Basilicata. De



CONTATO
anapaulabelot.ab@gmail.com
@anapaulabelot



LIVROS ILUMINAM

Este livro foi composto em Utopia Std
pela Editora Penalux e impresso em papel
off-white 80 g/m², em junho de 2023.
